

Sandra Regina Gomes

A VISÃO DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL, DA  
REDE ESTADUAL DE BELO HORIZONTE, SOBRE O PERFIL DE  
ALUNOS CONSIDERADOS INDISCIPLINADOS, NAS ÚLTIMAS  
DÉCADAS

Belo Horizonte  
2013

Sandra Regina Gomes

A VISÃO DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL, DA  
REDE ESTADUAL DE BELO HORIZONTE, SOBRE O PERFIL DE  
ALUNOS CONSIDERADOS INDISCIPLINADOS, NAS ÚLTIMAS  
DÉCADAS.

Monografia apresenta ao Departamento de Ciências Aplicada a Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como Requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Alberto Oliveira Gonçalves.

Belo Horizonte  
Faculdade de Educação da UFMG  
2013



## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta monografia a minha mãe Ivete Vargas da Silva que me deu apoio nos momentos difíceis e sempre me incentivou.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela sua infinita misericórdia que me permitiu vencer todas as dificuldades para chegar até aqui.

Ao professor Luiz Alberto, meu orientador, pela compreensão e paciência em ensinar os caminhos para a pesquisa acadêmica. E pela condução da pesquisa de maneira reflexiva.

Aos professores entrevistados, que colaboraram para construção deste trabalho, ao se disponibilizarem para falar sobre as suas experiências em sala de aula. Obrigada.

Aos meus pais pela compreensão, paciência e por estar ao meu lado impedindo que eu desistisse.

Aos meus tios, tias, primos e primas, pela força, amizade e a compreensão por tantos momentos de ausência.

As minhas amigas, Francilene, Rafaela, Raquel Latorre, Raquel Mendes, Priscila, Tatiane Campos e Tatiane Neves que estiveram ao meu lado nesta trajetória e me incentivaram nos momentos mais difíceis. Muito obrigada pela amizade.

As professoras da UMEI-Caetano Furquim, que também contribuíram para a construção desta pesquisa e para minha formação acadêmica.

Aos bolsistas e ex-bolsistas dos programas Ações Afirmativas e Observatório da Juventude, em especial agradeço a Camila, Francielle, Glauciane, Audrey, Fernanda, Ediany e Juliana pela amizade e incentivo.

## **Resumo**

O presente trabalho busca descrever e analisar a visão dos professores do Ensino Fundamental da rede Estadual de Belo Horizonte, sobre o perfil de alunos considerados indisciplinados, nas últimas décadas. Sendo o propósito desta pesquisa, abordar de maneira reflexiva as mudanças ocorridas no cenário educacional, frente aos problemas disciplinares. Para isso, foram realizadas entrevistas com três professores da rede Estadual de ensino de Belo Horizonte com mais de vinte anos de docência. E para análise nos moldes da pesquisa qualitativa, fez-se um estudo aprofundado sobre o conceito de indisciplina. E concluiu-se após a coleta e análise dos dados, que houve mudança no perfil dos alunos indisciplinados, no âmbito do não reconhecimento da autoridade docente, da apatia diante das aulas e da mudança nas relações familiares.

## Sumário

INTRODUÇÃO _____	08
<b>CAPÍTULO I</b>	
1- INDISCIPLINA COMO DEFINIR? _____	12
1.1 A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DISCIPLINA E INDISCIPLINA _____	14
1.2 A INDISCIPLINA _____	21
1.3- A CONSTITUIÇÃO DA AUTORIDADE DO PROFESSOR _____	22
<b>CAPÍTULO II</b>	
2 – MUDANÇAS OCORRIDAS NO CENÁRIO EDUCACIONAL NOS ÚLTIMOS 20 ANOS _____	25
2.1 – LDB E ECA _____	28
<b>CAPÍTULO III</b>	
3. METODOLOGIA _____	30
3.1 SUJEITOS DA PESQUISA _____	32
<b>CAPÍTULO IV</b>	
4. A VISÃO DOS PROFESSORES COM RELAÇÃO A MUDANÇAS NO PERFIL DOS ALUNOS _____	33
4.1 AUTORIDADE E O “BOM ENSINO” DE ANTIGAMENTE _____	34
4.2 AS IMPLICAÇÕES DO ECA: O QUE MUDOU? _____	37
4.3 A INSEGURANÇA... _____	38
4.4 INDISCIPLINA X VIOLÊNCIA _____	39
CONCLUSÕES FINAIS _____	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____	42
ANEXOS	

## Introdução

O problema dessa pesquisa foi construído a partir das inquietações geradas durante o percurso acadêmico, mas precisamente nas aulas de estágio, e de experiências com a realidade escolar, seja por conversas com professores dos diferentes níveis de ensino ou partir de experiências relatadas em sala por colegas de curso. Contribuiu também para essa construção algumas lacunas na abordagem do tema indisciplina no Ensino Fundamental, como aponta Silva (2007):

Embora o problema da indisciplina seja uma preocupação constante das escolas, alunos e professores, a temática é ainda pouco explorada, sobretudo no Brasil, por pesquisas científicas, ainda que a questão seja abordada de forma indireta em vários trabalhos que tenham como foco outras dimensões da vida escolar. (SILVA, 2007, p19)

Vale destacar que, “se há alguns anos o grande problema da disciplina era, por exemplo, da 5ª série<sup>1</sup> em diante, atualmente já existe reclamação de professores de 1º ou 2º série, sem contar alguns casos alarmantes de reclamação de professores da Educação Infantil...” (VASCONCELLOS, 2006, p. 25)

Isso ficou evidente durante o período que estagiei em uma escola de Educação Infantil (E.I) ouvia frequentemente reclamações das professoras com relação à indisciplina de alunos do Ensino Fundamental (E.F). Algumas diziam que preferiam ganhar menos na educação infantil a ter que dar aulas para os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental. E sempre afirmavam que “a escola já não era como antigamente” e os alunos “agora” estão difíceis de lidar, pois são mais agressivos e não respeitam mais o professor. Afirmando que era melhor trabalhar com as crianças pequenas, pois apesar de muitos não respeitarem e alguns serem agressivos, eram pequenos<sup>2</sup>, por isso mais fáceis de controlar.

---

<sup>1</sup> Atualmente não utiliza-se o termo serie mas ano, a 1º serie corresponderia ao 2º ano, pois o Ensino Fundamental aumentou para 9 anos, com a entrada das crianças aos 6 anos.

<sup>2</sup> Relativo a estatura das crianças.

Apesar deste discurso percebia que para algumas educadoras desta escola, manter o controle da sala<sup>3</sup> delegava mais tempo que algumas atividades pedagógicas, além de constantemente reclamarem que algumas crianças eram “indisciplinadas e não obedeciam aos combinados da sala.” E presenciava diariamente sanções estabelecidas pelas educadoras aos que não obedeciam os combinados, porém não havia melhora no comportamento das crianças. A conversa entre os alunos era demasiada a ponto de a professora pedir silêncio diversas vezes o que acarretou problemas de saúde para ela ao longo do ano.

Porém, quando se fala da relação adulto/criança, principalmente na Educação Infantil devemos considerar o desenvolvimento das crianças e os objetivos desta etapa da Educação Básica, como aponta Luz (2010). As crianças de zero a cinco anos não possuem o controle completo do seu corpo, podendo reagir movidas pelas emoções. E diferentemente dos alunos dos outros níveis e dos adultos elas não desenvolveram a linguagem completamente, utilizando os gestos para demonstração das suas emoções. Além disso, como demonstrou estudos realizados por Jean Piaget as crianças constroem gradualmente sua moralidade (noção de certo e errado). (LUZ, 2010)

Considerando estes aspectos próprios do desenvolvimento infantil, não é possível empregar a conceito de indisciplina nesta etapa de ensino, pelo fato dessa definição esta ligada ao desrespeito da regra e para que isso ocorra é necessário que a criança tenha pleno entendimento das regras de convivência adotada pela instituição (LUZ, 2010). E devemos lembrar que uma das finalidades da E.I é promover o desenvolvimento social, permitindo que as crianças construam relações respeitadas com os outros (LUZ, 2010). Agora, para definir os comportamentos apresentados pelas crianças nas escolas é empregado o conceito de agressividade<sup>4</sup>. Não sendo utilizados os conceitos de indisciplina, nem violência. (LUZ, 2010).

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pude observar durante o estágio a diferença de comportamento da turma perante as professoras. Algumas conseguiam manter a

---

<sup>3</sup> A turma de 5 e 6 anos.

<sup>4</sup> No texto *Relações entre crianças e adultos na Educação Infantil*, Luz utiliza o conceito de agressividade do psicanalista inglês Donald Woods Winnicott, que define agressividade como uma energia que move ao o ser humano para ir ao encontro do outro e do mundo. E quando não estamos bem com o mundo e com o outro, esta energia serve para hostilizar os que estão a nossa volta. Dessa maneira, o comportamento das crianças podem ser considerados agressivos hostis.

disciplina na sala e a fluência do trabalho pedagógico, outras gastavam boa parte do tempo tentando silenciar e controlar a turma. Já no estágio realizado nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio na supervisão escolar, percebi que a indisciplina era um fator que interferia nos processos de ensino-aprendizagem. Sendo comum a ida de alunos para a sala da supervisão a pedido dos professores que retiravam estes alunos de sala, devido aos seus comportamentos e atitudes. As queixas dos professores eram constantes com relação às turmas<sup>5</sup> que eram consideradas indisciplinadas. E tornou-se um dos principais problemas enfrentados pela gestão da escola.

Os profissionais da educação que conheci ao longo dos estágios sempre disseram da dificuldade de lecionar atualmente devido ao "mal" comportamento dos seus alunos, como também, a falta de interesse da família com relação aos problemas escolares dos seus filhos. Sempre tendo como argumento que as famílias de "hoje" estão desestruturadas e desinteressadas (não se importam com a formação dos filhos).

A partir desse cenário vivenciado, surgiu o interesse de pesquisar e conhecer mais o que a literatura tinha como explicação para esse fenômeno recorrente que interfere na prática docente. Visando contribuir para estudos sobre a temática, e ampliação do conhecimento a respeito do tema.

A indisciplina tem sido pesquisada por profissionais de diferentes campos do conhecimento, entre eles psicólogos, psicanalistas, sociólogos, filósofos e pedagogos. No livro *Indisciplina na escola: alternativas Teóricas e Práticas*, Julio Groppa Aquino (1996) busca reunir múltiplas abordagens teóricas para uma reflexão das possíveis alternativas de compreensão e controle da indisciplina na escola. Tendo como foco “analisar a indisciplina escolar sob diferentes ângulos, facultando-lhe maiores densidade e complexidade do ponto de vista teórico, e abandonando o espontaneísmo com o que geralmente é processada cotidianamente.” (AQUINO, 1996, p.8) Em um dos artigos com título *A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento*, escrito por Aquino (1996), o autor reflete como que para alguns professores relatos<sup>6</sup> de correções disciplinares do passado podem gerar certo saudosismo idealizando a escola de antigamente e a tornando como um modelo a ser

---

<sup>5</sup> As salas consideradas indisciplinadas apresentavam um maior número de alunos que não respeitavam as regras e os alunos tinham muitos registros dos professores no caderno de ocorrência das salas.

<sup>6</sup> No livro o autor utiliza um texto de 1922, intitulado *Recomendações Disciplinares* onde demonstrava como era os ideais disciplinares, e como era o trato da indisciplina.

almejado, sem problematizar as condições em que aquela disciplina era imposta aos alunos, onde se utilizava da coação, do medo, do castigo e da ameaça (AQUINO, 1996). Isso demonstra que mesmo as mudanças ocorridas no cenário político do país (desmilitarização das relações sociais) ainda temos como padrão pedagógico a imagem do aluno submisso e temeroso (AQUINO, 1996 )

No artigo *Da (contra) normatividade do cotidiano escolar: problematizando discursos sobre a indisciplina discente*, Aquino (2011), demonstra a partir de levantamentos bibliográficos que houve uma ampliação no número de pesquisas sobre esta temática. E apresenta as características das pesquisas, definindo que em sua maioria são de caráter prescritivo, ou seja, propostas para superação da indisciplina e outras poucas de natureza analítica. Pode-se inferir que a necessidade de respostas para a solução de problemas disciplinares nas instituições de ensino levaria a uma busca por “prescrições bibliográficas”. Contudo, disciplina e indisciplina ainda são termos difíceis de serem conceituados, por diferentes correntes ideológicas terem diferentes concepções, variando também nos diversos campos do conhecimento tais como: Sociologia, Psicologia e Psicanálise.

E para realização deste trabalho optamos por utilizar a entrevista estruturada e análise de dados, buscando fazer uma relação entre as mudanças sociais e suas possíveis repercussões na escola. Pretendeu-se comparar como os professores relacionam as questões sociais e o comportamento apresentado pelos seus alunos. Alguns sociólogos consideram:

(...) que a sociedade é um processo de interação entre indivíduos. A soma produzida pelo encontro dos comportamentos individuais e de suas inter-relações constituiria os fatos sociais. Por meio de um tal processo, alguns acreditam ver como os indivíduos constroem sua identidade: seria em função do que os outros deles esperam que os seres humanos construiriam sua identidade e definiriam seus comportamentos sociais. (LAVILLE e DIONNE, 1999, p.75).

Considerando que aos indivíduos constroem sua identidade a partir do outro, a presente pesquisa buscou entender como os professores constroem uma identidade para os alunos, até mesmo como forma de consolidarem sua autoridade na sala de aula.

Para isso, foram realizadas entrevistas com três professores da rede estadual, que tinham mais de 20 anos de docência em turmas do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano),

atuando, portanto com alunos na faixa etária de 11 a 14 anos. Essa escolha se deu em função de outros estudos sobre assunto, afirmando que alunos que frequentam a escola há mais de cinco anos, já tenham internalizado normas e regras escolares (AQUINO, 1996; VASCONCELLOS, 2006; SILVA, 2007; OLIVEIRA, 2005). Sendo esta a condição principal para considerá-lo como indisciplinado, ou seja, como alguém capaz de transgredir as regras. Dito de outra forma, só assim é possível considerar o seu ato como um ato indisciplinado tal como ele é definido pelo conceito de autodisciplina na concepção de educação democrática. Nesta, segundo Oliveira, "[...] a pessoa que se diz disciplinada é capaz de adequar o seu comportamento às regras que foram estabelecidas pelo grupo e assumidas por ele [...]" (OLIVEIRA, 2005, p31). Mas mesmo assim, não basta apenas verificar a adequação á norma é preciso como nos lembra Aquino, examinar “a razão de ser das normas impostas e dos comportamentos esperados” (AQUINO, 1996, p.20)

E seguindo as pistas de estudiosos sobre assunto, neste trabalho foram considerados fatores como gênero, pertencimento racial, área de formação e a disciplina ministrada por esses docentes. Considera-se que essas variáveis interferem na atuação dos professores (ALVARENGA, 2008. GOMES, 2000. OLIVEIRA, 2005). O comportamento de um aluno pode variar dependendo do professor e da disciplina. Outros aspectos que foram analisados referem-se às mudanças no perfil dos alunos nas últimas décadas e na relação de autoridade entre professor-aluno (AQUINO, op. cit).

Dessa forma, no primeiro capítulo apresentamos a construção do conceito de disciplina e indisciplina, dado a relação entre os dois conceitos. A partir de alguns autores clássicos das ciências sociais que difundiram teses a respeito da disciplina/ indisciplina na escola e autoridade docente. No segundo capítulo apresentamos uma discussão sobre o Ensino Fundamental no Brasil e a legislação brasileira a respeito das diretrizes para educação (LDBN) e os direitos da criança e do adolescente (ECA). No terceiro capítulo falamos sobre a metodologia da pesquisa e as bases para consolidação deste trabalho. No quarto Capítulo são discutidos os dados obtidos com a pesquisa e análise deste dado. E fazemos a finalização do trabalho e conclusão.

## **1. INDISCIPLINA COMO DEFINIR?**

Nos últimos anos no Brasil tem se percebido um aumento da frequência de casos de indisciplina nas escolas, atos específicos como: “as agressões verbais e físicas entre alunos e destes para professores e funcionários [...]” (OLIVEIRA, 2005, p.22) E tem se tornado um problema de difícil solução para os profissionais da educação e um dos motivos para que isso ocorra são as diversas origens da manifestação disciplinar (OLIVEIRA, 2005). Apesar de estar cada vez mais presente no cotidiano das escolas, o tema não tem consenso entre os educadores e pesquisadores (OLIVEIRA, 2005).

A violência escolar considerada um fenômeno contemporâneo é destaque nos meios de comunicação, no campo científico e nos órgãos governamentais, devido ao agravamento constante desse fenômeno, tornou-se necessário e importante fazer distinção entre os conceitos de violência e indisciplina escolar como aponta Silva (2007). Apesar da distinção feita entre os fenômenos da indisciplina e **violência em meio escolar**<sup>7</sup>, eles não estão totalmente dissociados, já que em alguns casos se intercalam como aponta Gonçalves (2010). Um exemplo desta situação seria na sala de aula um ato de indisciplina dos alunos, transformar-se em agressividade e por ventura em violência. (GONÇALVES, 2010).

O conceito de indisciplina é difícil de ser definido por "assumir significados diferentes a depender do contexto no qual ele é empregado e do paradigma investigativo ao qual os pesquisadores se filiam." (SILVA, 2007, p. 24) Apesar da difícil definição e separação dos conceitos de indisciplina e violência os estudos científicos sobre violência em meio escolar apontam para definição de violência como sendo comportamentos de natureza mais grave que tem como elementos "[...] o poder destrutivo, o caráter coercitivo, o uso da força, a existência de agressor e/ ou vítima." (SILVA 2007, p.31). E indisciplina escolar seria a violação de regras destacando comportamentos "[...] como as conversas, os barulhos, os atrasos, as brincadeiras com professores e colegas, as réplicas às ações disciplinadoras dos professores, entre outros." (SILVA, 2007, p. 31) Vale ressaltar que conforme Estrela *apud* Silva (2007) o conceito de indisciplina é definido em relação ao conceito de disciplina.

---

<sup>7</sup> ”Para efeito de compreensão do fenômeno usaremos o conceito de “violência em meio escolar” e não o de “violência escolar”, como em geral se fala a mídia e nas conversas diárias.”(GONÇALVES, 2010 p. 1) Explicação para utilização deste termo, pelo autor. Grifos do autor.

Estudos apontam que o conceito de disciplina foi ressignificado ao longo dos tempos, sendo utilizado para designar um conjunto de regras de uma determinada instituição ou para regular a vida de um indivíduo. Dessa forma, consideramos necessário fazer um breve histórico das mudanças no conceito de disciplina e a suas relativas implicações na prática docente.

## **1.1 A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DISCIPLINA E INDISCIPLINA**

Durkheim foi um dos clássicos da sociologia a se interessar pela questão disciplinar, suas reflexões em torno da disciplina escolar e da educação moral só poderão ser compreendidas conhecendo o momento histórico em que formulou suas teorias voltadas para integração e convívio social. (SILVA, 2007)

A sociedade francesa vivia um período de grandes transformações sociais, o progresso das indústrias, a laicização do ensino e o desenvolvimento das Ciências Humanas. (SILVA, 2007) Neste contexto de mudanças, ele acreditava que a sociedade capitalista passava por uma crise moral, com isso, a escola deveria ser o local da educação moral, sendo responsável por controlar o comportamento do indivíduo e garantir o seu aprendizado para o convívio social por meio de uma moral laica<sup>8</sup>. “Para Durkheim, a moral ensina os indivíduos a dominar paixões e instintos, a privar e sacrificar interesses particulares em função dos interesses superiores da coletividade.” (SILVA, 2007, p.43)

A moral laica a ser ensinada na escola não deveria recorrer a qualquer recurso de natureza religiosa, sendo em sua definição uma educação racionalista<sup>9</sup> que deveria determinar os deveres do indivíduo para com os homens. Foi, assim, conferida à escola o papel de difundir essa moralidade. (SILVA, 2007) Por considerar a família um órgão inadequado para o ensino da moral, dada, a proximidade entre os seus membros (por ser

---

<sup>8</sup> No livro *A Educação Moral*, Durkheim define que a educação laica deveria ser entendida como uma “educação que abdica de qualquer referência aos princípios sobre os quais repousam as religiões reveladas, que se apoia exclusivamente sobre idéias, sentimentos e práticas que se justificam unicamente pela razão, em palavra, uma educação puramente racionalista.” (DURHEIM, 2008 p. 19)

<sup>9</sup> Educação racionalista, esta implicada na base da ciência: “não existe nada na realidade que nos autorize a considera-la como radicalmente refratária à razão humana.” (DURHEIM, 2008 p. 20).

um cenário de afetividades e interesses individuais), Durkheim vê a escola como um meio privilegiado para a educação moral, pois na escola a criança aprenderia a obedecer às regras por obrigação, não por motivos pessoais e afetivos. (DURKHEIM, 2008)

Considerando que:

Na escola existe todo um sistema de regras que determina a conduta da criança. Ela deve comparecer à classe com regularidade, num horário estabelecido, mantendo uma postura adequada; enquanto permanece na sala de aula, não pode perturbar a ordem; deve aprender as lições, fazer os deveres de casa com suficiente dedicação, etc. [...] O conjunto dessas obrigações constitui o que chamamos de disciplina. (DURKHEIM, 2008, p.149)

Portanto, as instituições de ensino teriam o dever de preparar o aluno para a vida adulta, pois “a vida social é uma forma de vida organizada, e toda organização viva pressupõe algumas regras bem determinadas, das quais não se pode abdicar sem produzir consequências mórbidas.” (DURKHEIM, 2008, p. 51) E “para o autor, é habituando-se a zelar pelas suas obrigações escolares que a criança aprenderá a se habituar a zelar por seus deveres cívicos e profissionais, quando adulta.” (SILVA, 2007, p. 46). Então, “a disciplina escolar deve, assim, colaborar para a construção no aluno de uma autodisciplina que o ajude a dominar seus instintos e desejos, que o faça tomar gosto pela vida regrada e que o prepare para viver em uma sociedade (...)” (SILVA, 2007, p. 46,47) E segundo Durkheim (2008) a disciplina seria um instrumento de educação moral.

Durkheim discute pouco em suas obras questões sobre a indisciplina<sup>10</sup> por desconsiderar que o aluno possa se opor a ação disciplinadora do professor e da escola (Silva, 2007). Considerando a indisciplina um fator patológico, onde ela não tem um caráter individual, é recíproca entre os alunos de uma mesma classe ou influenciada pelo clima geral da turma (SILVA, 2007). E, afirma que:

“uma classe indisciplinada é uma classe desmoralizada. Quando as crianças não se sentem contidas, elas entram numa espécie de efervescência que as torna impacientes, não aceitam nenhum freio, e

---

<sup>10</sup> Ver *A educação moral* de Durkheim (2008)

isso afeta a sua conduta até mesmo fora do ambiente escolar” (DURKHEIM, 2008, p. 150)

E para Durkheim (2008) a disciplina estaria ligada à regra e a indisciplina à violação da regra. Portanto, a violação da regra implica em um tipo de sanção para aqueles que a violam, ou seja, a sanção teria como função reforçar a regra. Para que a “lei violada dê testemunho de que, malgrado as aparências, ela permanece a mesma, que ela não perdeu nem um pouco de sua força, de sua autoridade, a despeito do ato que a negou (...) é preciso que ela se afirme face à ofensa...” (DURKHEIM, 2008, p.164)

Bourdieu e Passeron vão criticar a visão de Durkheim sobre a educação, pois, segundo eles, “as teorias clássicas tendem a dissociar a reprodução cultural de sua função de reprodução social, isto é, a ignorar o efeito próprio das relações simbólicas na reprodução das relações de força.” (BOURDIEU & PASSERON, 1975 p. 25) Esta visão estabeleceria a existência de uma única cultura indivisa de toda a sociedade e a escola seria democrática e integradora. Bourdieu e Passeron consideram que, no trabalho pedagógico exercido pela escola, existe uma ação de violência simbólica, pois atende aos interesses simbólicos e materiais de grupos e classes dominantes. (BOURDIEU; PASSERON, 1975)

Assim, se na visão de Durkheim a disciplina escolar é um elemento fundamental de coesão social, a idéia de disciplina como mecanismo integrador vai sofrer um sério abalo ao se colocar em causa o papel exercido pela instituição escolar na sociedade. [...] a disciplina passa necessariamente de instrumento de coesão a instrumento de dominação. A disciplina escolar deixa de ser vista como um conjunto de regras neutras e intrinsecamente positivas, para se tornar um instrumento necessário à imposição de um arbitrário cultural dominante. (ESTRELA *apud* SILVA, 2007, p. 57)

Necessitando a ação pedagógica de uma autoridade legitimada socialmente para controlar o trabalho de recepção e inculcação através de sanções aprovadas e legitimadas na sociedade. E essa autoridade seria conferida ao mestre, por meio da sua ação pedagógica. Pois segundo Bourdieu (1989) *in* Nogueira e Catani (2003)

[...] para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos de ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre crianças das diferentes classes sociais. [...] A igualdade formal que pauta a prática pedagógica serve como máscaras e

justificação para a indiferença no que diz respeito às desigualdades reais diante do ensino e da cultura transmitida [...] (p. 53)

Portanto para Bourdieu e Passeron a disciplina na escola seria um meio de coesão utilizada como instrumento de dominação, deixando de ser um conjunto de regras neutras, para ser definida por esses autores como sendo instrumento de imposição do arbitrário cultural dominante (SILVA, 2007). E a indisciplina não seria "uma luta contra a ordem dominante, mas antes, ela expressaria uma forma de defesa do sistema que tenderia a favorecer a adaptação dos grupos dominantes e a desfavorecer a adaptação escolar dos grupos dominados" (SILVA, 2007, p. 60).

Outros autores como: Testanière, Baudelot e Establet contemporâneos de Bourdieu e Passeron realizaram estudos acerca da indisciplina. Testanière "propõe uma distinção entre dois tipos de algazarra que revelariam uma maior ou menor integração dos sujeitos ao sistema pedagógico." (SILVA, 2007, p. 54) O primeiro seria o chahut tradicional, que consiste na forte integração do aluno aos valores da instituição, sendo que este tipo de algazarra dificilmente prejudica o trabalho pedagógico, ocorrendo de forma ritualizada e num determinado ritmo temporal. É frequente entre os alunos de nível econômico elevado. O segundo tipo é o chahut anômico seria a não integração ao sistema pedagógico, levando a falta de efetividade da disciplina sobre os comportamentos e baixa solidariedade entre os alunos. Este tipo atinge mais alunos socialmente desfavorecidos, que chegou ao ambiente escolar devido à democratização do acesso. Outro aspecto relevante apontado por Testanière é a conduta dos alunos, que no chahut anômico atrapalha o trabalho pedagógico. Sendo a taxa de algazarra alta e duradoura (todo o ano letivo). Dessa forma,

Não há disciplinas tradicionalmente mais afetadas e os professores são tão vitimados quanto os vigilantes e outros funcionários da escola. O chahut anômico apresenta-se, portanto, como uma baderna generalizada que parece não reconhecer qualquer legitimidade aos valores do sistema pedagógico. (SILVA, 2007,p. 55)

O Baudelot e Establet<sup>11</sup> vão criticar a teoria de Testanière, pois afirmam que só seria possível falar em má integração dos alunos dos setores populares, quando se adota a

---

<sup>11</sup> Baudelot e Establet defendem a ideia que por trás de uma escola única e democrática haveria uma escola dividida em duas redes: a rede pobre e a rede nobre que funcionaria em função de um aparato ideológico capitalista, que reproduziria as relações de produção. ( SILVA, 2007)

perspectiva escolar. Porque segundo eles os alunos levariam para escola seu instinto de classe que manifestaria em forma de resistência as inculcações ideológicas exercidas pela escola. (SILVA, 2007) E as manifestações de indisciplina dos alunos dos meios operários seriam uma forma de luta não teorizada e espontânea, contra as normas das classes dominantes. (SILVA, 2007).

Mas apesar de denunciar a não neutralidade pedagógica, acabam ressaltando uma idealização da espontaneidade de luta proletária, o que traria implicações para o campo pedagógico, pois esses autores acabam por justificar a desordem e a vê como inevitável. (SILVA, 2007) Contudo, “os trabalhos de Testanière, Bourdieu e Passeron e de Baudelot e Establet... acabam convergindo para uma conclusão comum: a imputação de uma vinculação direta entre o fenômeno da indisciplina e a origem social dos alunos.” (SILVA, 2007, p. 62)

Marlene Guirado (1996) em seu artigo *Poder indisciplina: os surpreendentes rumos da relação de poder* discute a relação entre poder e indisciplina a partir das obras de Michael Foucault<sup>12</sup> que ficou conhecido pelos seus estudos sobre o tratamento dado a loucura e análise do sistema penal, que evidenciaram os mecanismos de exclusão aceitos socialmente demonstrando “como o fato de estigmatizar e reprimir, por meio de procedimentos institucionalmente legitimados e/ou legalmente previstos, incita as práticas que se quer eliminar ou combater.” (GUIRADO, 1996 p. 58) Em seu artigo Guirado trata o conceito de poder como ação (verbo), uma relação de forças entre quem domina (exerce pressão) e quem é dominado. E essa relação será marcante na sociedade moderna, por meio do poder disciplinar que se caracteriza pela vigilância, sanção e exame. Onde o “olhar” e a normatização garantiriam a ordem.

Ainda, segundo Guirado (1996) esta vigilância também está presente na escola, onde a sua organização e estrutura favorecem este mecanismo de controle disciplinar. E exemplifica com a situação de um professor que aplica uma prova para verificação do conhecimento de seus alunos, onde a disposição da sala favorece que ele tenha uma visão global do espaço e do movimento de cada um, mas ao mesmo tempo a sua posição favorece que ele seja visto por todos. Dessa forma, a vigilância é exercida de maneira

---

<sup>12</sup> Pensador contemporâneo (filósofo Francês).

permanente e contínua pelo grupo. A partir da estruturação do conceito de disciplina em função da relação de poder, Guirado (1996) define que:

pode parecer um equívoco falar em indisciplina se o poder é disciplinar: no entanto, o que fica demonstrado é que esta é uma das decorrências da disciplinarização [...] a indisciplina faz parte da própria estratégia de poder gerada pelos mesmos mecanismos que visam ao seu controle. (GUIRADO, 1996 p.67-68)

Então, pode se concluir que o poder gera a indisciplina, pois segundo a autora o controle a vigilância e o sistema de atribuição contínua de condutas certas ou erradas com as devidas punições, acabariam por incitar o que se busca diminuir. E retira o discurso da responsabilização focalizada, pois nem o professor, nem os alunos são responsáveis pelos conflitos no ensino, para Foucault a rede de poder seria uma estratégia sem sujeito. (GUIRADO, 1996)

Já na sociologia de cunho interacionista problematiza-se o papel da escola e do professor como “promotores” da indisciplina escolar, considerando o rótulo e as expectativas do professor em relação ao aluno como fatores que influenciam nas interações. Deslocando a análise da indisciplina a partir do contexto social mais amplo, para o contexto das interações em sala de aula. (SILVA, 2007)

Para teoria interacionista, as interpretações que os sujeitos dão aos acontecimentos existentes em sala de aula definem situações de indisciplina. Sendo a indisciplina:

[...] uma realidade construída na sala de aula, no contexto das interações entre os sujeitos ali presentes e, tendo em vista, o modo como cada um interpreta o seu próprio comportamento e o comportamento alheio. (SILVA, 2007, p. 63).

E a regra não é um instrumento de socialização estável, mas de constante interpretação e redefinição de situações. Assim, os próprios grupos sociais, institucionalizam as regras, criam os desvios e rotulam os desviantes e transgressores, dessa fora, estes autores rompem com uma visão funcionalista da regra (SILVA, 2007).

Atualmente o conceito de disciplina é utilizado para designar obediência às regras, como também sanções de seu não cumprimento e o impacto de quem recebe essas punições (ESTRELA *apud* SILVA, 2007). De acordo com Silva (2007):

A idéia de disciplina é, pois, indissociável da idéia de regra e de obediência. Todavia, esse conjunto de regras e a forma de obediência que elas reclamam encontram-se diretamente associadas a uma determinada formação social. Poderíamos dizer, portanto, que há uma disciplina religiosa, familiar, sindical, militar, escolar, etc. Cada uma dessas formas de disciplina possui características próprias e encontra suas bases de sustentação nos valores pertencentes àquele grupo, no tipo de relação de poder ali existente, e nas características da atividade que o funda e que são sempre historicamente determinadas. A indisciplina tende, portanto, a ser definida como a negação dessas regras estabelecidas, muitas vezes, conotando a própria perturbação ou desordem causadas pelo seu não cumprimento. (SILVA, 2007, p.25)

Essa definição de disciplina permite perceber que ela pode variar entre os diferentes estabelecimentos de ensino e também entre os professores, portanto ocorre uma variação na concepção de ato indisciplinado e violência entre os educadores. Muitos professores têm como preocupação principal a indisciplina na sala de aula que, segundo eles, prejudica o processo de ensino aprendizagem, além disso, tem afetado a saúde dos professores, somando-se a alta carga horária de trabalho dos docentes como aponta Oliveira (2005).

Pesquisas realizadas com professores demonstram que muitas vezes o discurso do educador está no âmbito das representações do ideário, ou seja, o aluno não é visto na sua condição real, mas na idealização de como deveria ser, tendo como base a concepção tradicional de ensino-aprendizagem, pois o aluno considerado "bom" é o que obedece, sabe a hora de brincar e a hora de estudar e tem um comportamento dentro da tolerância (OLIVEIRA, 2005). E comportamentos considerados indisciplinados são:

[...] agressividade, violência, briga, palavrões, ofensas e falta de respeito. Outros comportamentos como: falta de limites, não obedece a normas, não sabe ouvir, não respeita o horário, bagunça, rebeldia, assobios, gritarias, brincadeiras, conversas, não pára sentado, inquieto e age de má fé, também foram apontados como atitudes indisciplinadas. (Oliveira, 2005, p. 100)

Outros fatores também seriam responsáveis pelo crescente aumento da indisciplina nas salas de aula como aponta Eccheli (2008). Na pesquisa realizada por ela o fator motivação interfere diretamente na relação professor-aluno e ensino-aprendizagem.

Na tese *Disciplina e Indisciplina: uma perspectiva sociológica* de Luciano Campos de Silva afirma em sua pesquisa algo já constatado por outros estudos, que a indisciplina

pode atrapalhar a ordem pedagógica e torna-se grave quando: envolve um número elevado de alunos, ocorre de maneira frequente ou nos momentos de exposição do professor. Verificou também que a conduta de alunos oriundos dos meios populares não é homogênea, havendo uma pluralidade. Identificando três tipos de alunos “os frequentes na disciplina”, “os frequentes na indisciplina” e os “ocasionais na indisciplina”. Na tese revelou-se que o fator professor é de extrema importância para variação na conduta dos alunos. Pois ao comparar os professores com diferentes níveis<sup>13</sup>

de indisciplina possibilitou identificar estilos pedagógicos e normativos que são menos ou mais favoráveis a comportamentos indisciplinados em sala de aula. (SILVA, 2007)

Portanto, evidencia-se após a busca de uma fundamentação teórica para análise da indisciplina na visão de professores que têm uma trajetória docente extensa. Que os conceitos de disciplina e indisciplina estão interligados, mas ao mesmo tempo, não se estabeleceu um consenso, apenas aspectos que se convergem nas diferentes teorias. Com isso, definiremos melhor o conceito de indisciplina e o que dizem as pesquisas mais recentes a respeito deste fenômeno.

## 1.2 A INDISCIPLINA

No Brasil somente a partir dos anos 90 que a temática da indisciplina torna-se tema específico das pesquisas, anteriormente a questão disciplinar era tratada de forma esporádica (AQUINO, 2011). Julio Groppa Aquino (2011) no artigo “*Da (contra) normalmente do cotidiano escolar: problematizando discursos sobre a indisciplina discente*” busca colocar em discussão o aumento na contemporaneidade dos discursos em torno das condutas dos alunos considerados indisciplinados dialogando com a conceituação foucaultiana. Em seu artigo aponta que a bibliografia nacional poderia “ser subdivididas genericamente entre uma maioria de teor prático-prescritivo, algumas poucas de natureza analítica, e uma terceira tendência, híbrida, a qual visa conjugar as duas anteriores.” (AQUINO, 2011, p. 459) Outro fator percebido foi à falta de diálogo

---

<sup>13</sup> “as professoras com baixo nível de indisciplina se revelaram mais consistentes em suas exigências disciplinares.” (SILVA, 2007 p.270)

“Ao contrário, os professores com níveis elevados de indisciplina se mostravam inconsistentes em suas exigências disciplinares, sendo demasiadamente tolerantes com os desvios dos alunos, ignorando seus atos de indisciplina, descumprindo as ameaças feitas e não supervisionando adequadamente suas condutas durante as aulas.” (SILVA, 2007p. 271)

entre as obras e ausência de aproximação conceitual. “Multiplicidade e dispersão figuram, assim, como as marcas principais das abordagens do tema, não obstante algumas recorrências pontuais.” (AQUINO, 2011, P.459).

O levantamento bibliográfico realizado por Aquino (2011) demonstra o seguinte cenário:

[...] foram publicados 26 trabalhos em duas décadas (1979-1999), ao passo que nos sete anos subsequentes, entre 2000 e 2006, surgiram 76 novos estudos, representando três quartos da produção total. É também em 2000 que as duas primeiras teses de doutoramento sobre o tema são defendidas, ambas na Universidade de São Paulo, respectivamente, por Luiza M.Y. Camacho na Faculdade de Educação, e por Cintia C. Freller no Instituto de Psicologia. (AQUINO, 2011, p. 459)

Ao realizamos um levantamento da produção bibliográfica brasileira sobre indisciplina escolar nos últimos seis anos, encontramos 11 livros publicados, sendo 4 traduções, 9 artigos publicados em periódicos da área educacional, 5 teses de doutorado e três dissertações de mestrado entre os 2006 e 2011, contudo a maior parte das produções foram em 2006. Esboçamos que não é nosso propósito fazer um levantamento nos moldes do estado da arte como já realizado por outros autores, mas contextualizar o cenário atual de estudos desta temática. Dos trabalhos que analisamos percebemos que a temática dialoga com outros campos do conhecimento, entre eles, a psicanálise e a psicologia, profissionais desta área também têm se dedicado ao estudo deste fenômeno. Percebemos também o conteúdo prescrito de alguns livros como apontou Aquino (2011), muitos indicam como o professor/gestor deve fazer para superar a indisciplina em sala de aula e na escola. Nesse caso, é importante ressaltar que dos trabalhos analisados, percebemos que a disciplina é considerada pelos autores como um fator de qualidade no trabalho docente.

### **1.3 A CONSTITUIÇÃO DA AUTORIDADE DO PROFESSOR**

Como já mencionamos anteriormente, mas cabe enfatizar, a Educação é pesquisada por diferentes campos do conhecimento, como também as dificuldades enfrentadas no interior das escolas. A indisciplina como abordado anteriormente não é um fenômeno

recente, mas nos últimos anos tem sido amplamente divulgada pelos meios de comunicação. E tornou-se um fenômeno que tem gerado cada vez mais reclamações dos professores, que apontam a indisciplina como um dos principais fatores que interferem no seu trabalho em classe. Apesar dos meios de comunicação, principalmente os telejornais divulgarem os atos indisciplinados dos alunos, não se pode afirmar que condizem com a realidade, pois ainda os meios de comunicação, alguns trabalhos acadêmicos (dissertações e teses) e muitos professores não diferenciam indisciplina escolar de violência em meio escolar. Dessa forma, atos considerados indisciplinados, são atos violentos e vice-versa. (AQUINO, 1996; SILVA, 2007)

Um dos fatores considerados como relacionado à indisciplina na sala de aula seria a autoridade do professor. Alguns teóricos clássicos da sociologia, já relacionavam estes conceitos que se inter-relacionam entre si. Vejamos, para Durkheim a autoridade do professor viria dele mesmo do ardor de suas convicções, na crença a sua missão e no ideal moral que ele estaria vinculado e que esforça para vincular também as crianças. (DURKHEIM, 2008) Pois segundo o autor a disciplina esta ligada a regra, dessa forma, o professor deve ser o agente a manter a vigência dessas regras.

Ainda, de acordo com Durkheim (1984) citado por Silva (2007):

O professor aparece então como principal agente da ordem a ser mantida em classe e a indisciplina é muitas vezes vista como fruto de sua incapacidade [...] O argumento é que é através do mestre que as regras são reveladas e que, portanto, tudo dependeria dele, apontando algumas condições que o professor deveria reunir para lograr transmitir essa autoridade aos alunos. (SILVA, 2007, p.51)

Já para Bourdieu e Passeron a autoridade pedagógica seria fundamental, pois através dela é conferida a legitimidade do trabalho pedagógico. (SILVA, 2007). Dessa forma, para os autores a “ação pedagógica dispõe por definição de uma autoridade pedagógica, logo, os receptores dessa ação, estariam de imediato dispostos a reconhecer a legitimidade da informação transmitida e a autoridade pedagógica dos emissores” (SILVA, 2007 p.58) Este pensamento rompe com a teoria de Durkheim, porque para Bourdieu e Passeron a autoridade do professor não viria das suas características pessoais, mas da posição institucional que ele ocupa, como transmissor das informações.

Os pesquisadores interacionistas que seguem outra linha de estudos acreditam que a autoridade do professor se constitui na relação com os alunos, onde as interações promoveriam as negociações onde cada um buscaria fazer prevalecer os seus interesses (SILVA, 2007).

Para análise utilizarmos o conceito de autoridade interacionista para compreender a visão dos professores perante os alunos indisciplinados, pois grande parte dos professores tem dificuldade de constituir a sua autoridade perante os alunos de maneira não autoritarista. O professor autoritário busca impor os seus interesses de qualquer maneira, e exercer a autoridade seria estar aberto ao diálogo e buscar caminhos para solução de problemas. Freire (1996) no livro *Pedagogia da Autonomia* expõe a diferença de autoridade e autoritarismo, discutindo como que a falta de distinção entre estes dois conceitos podem prejudicar o processo de ensino. Para Freire (1996) a renúncia do professor a ser a autoridade em sala seria tão prejudicial, como ser autoritário, pois,

“os autoritários consideram, amiúde, o respeito indispensável à liberdade como expressão de incorrigível espontaneísmo e os licenciosos descobrem autoritarismo em toda manifestação legítima da autoridade [...] A liberdade sem limite é tão negada quanto a liberdade asfixiada ou castrada.” (FREIRE, 1996 p.105 e 108)

Outro aspecto importante de destacar é que para Freire (1996) a autoridade do professor deveria se dar pelo saber. Aquino (2003) comenta também em seu livro *Indisciplina: os contra pontos da escola democrática* sobre a constituição da autoridade do professor a partir de um relato da experiência de Dubet, que necessitou dar um “golpe de estado”, ou seja, decretar regras inflexíveis e determinar punições aos seus alunos desviantes para conseguir disciplina em sala. Para Aquino (2003) a autoridade do professor na atualidade exigiria ser sustentada constantemente por meio de práticas que a reinaugurem e “os pilares da autoridade” docente deveriam ser aprofundados de modo contínuo na realidade escolar. O que a torna provisória e oscilante.

Dessa forma, conclui-se que é necessário compreender as relações escolares, para entender como se constitui a autoridade do professor e quais as suas implicações para o fenômeno da indisciplina. Segundo Vasconcellos (2006) o professor pode muitas vezes

não conseguir a disciplina, porque não tem autoridade perante os alunos. Pelo fato de muitos docentes acreditarem que os alunos já tragam um reconhecimento por ele. E para Vasconcellos esta essa postura dos alunos foi mudando ao longo do tempo e com isso, o professor necessita conquistar o respeito de seus discentes. Assim, discutiremos a seguir as mudanças ocorridas na Educação brasileira que influenciaram no fenômeno da indisciplina e constituição da autoridade do professor.

## **2 – MUDANÇAS OCORRIDAS NO CENÁRIO EDUCACIONAL NAS ÚLTIMAS DÉCADAS**

Para tratar das mudanças ocorridas no cenário educacional é interessante perceber a constituição do Ensino Fundamental no Brasil, pois as transformações que marcaram esta etapa da Educação Básica influenciaram diretamente nas relações escolares. Ao abordamos as mudanças histórico-sociais, estamos trazendo fundamentos para análise do comportamento dos alunos indisciplinados, já que a percepção de disciplina é influenciada também, pela visão que o professor tem do aluno. Sendo que, atualmente ocorre “uma profunda mudança na relação Escola-Sociedade e parece que não nos demos conta suficientemente disto.” (VASCONCELLOS, 2006 p.27) E segundo Aquino (2006) termos “um novo aluno, um novo sujeito histórico, mas, em certa medida, guardamos como padrão pedagógico a imagem daquele aluno submisso e temeroso.” (p. 43)

Como mostram alguns autores, a constituição do ensino Fundamental no Brasil foi marcada por muitas transformações além de sofrer influências políticas e religiosas na sua constituição (ARELARO, 2005). Durante a década de 1990 algumas produções acadêmicas (artigos, dissertações e teses) sobre o ensino secundário no Brasil buscaram resgatar informações a partir de lembranças dos que frequentaram a escola nos anos 50 e 60, percebe-se nos relatos um saudosismo considerando a escola de ótima qualidade e excelência acadêmica, o que contrasta com a análise dos educadores que denunciavam os equívocos e as misérias desse período (NUNES, 2000). Clarisse Nunes (2000) aponta que, somente após 500 anos de implantação do curso secundário no Brasil, ele foi incorporado definitivamente ao ensino fundamental.

No regime militar criam-se os novos ginásios denominados Ginásios Polivalentes, onde foi proposto superar a dicotomia entre o manual e o intelectual, onde preparação técnica e ideológica fosse de acordo com as camadas que nela ingressava. Mas essa inovação escondia a divisão de mão-de-obra e transmissão de ideologia legitimadora (NUNES. 2000). Devido à insatisfação esses ginásios foram considerados inadequados o que ocasionou a volta ao ensino tradicional.

A Lei 5.892 de 1971 reformularia o ensino de primeiro e segundo graus no país. O aumento no nível de escolaridade do trabalhador definiu o objetivo desse ensino que, além da cultura geral básica, incluía uma educação para o trabalho. “O primeiro ciclo do ensino secundário seria definitivamente incorporado ao ensino de primeiro grau” que, dessa forma, ampliava a obrigatoriedade escolar para 8 anos na faixa etária dos 7 aos 14 anos. “Estavam abolidos os exames de admissão”. Do ponto de vista do currículo essa escola se carregaria de uma educação geral fundamental, de uma sondagem vocacional e iniciação para o trabalho. “Havia sido eliminada a divisão entre ensino secundário e ensino profissional”. (NUNES. 2000, p.58)

Então, a legislação de 1971 definiu o ensino de 1º grau que passaria ser do primário ao ginásial com duração de oito anos. E ainda propôs que as escolas fossem dirigidas por profissionais da educação formados em cursos de pedagogia. (FRANCO; ALVES BONAMIANO, 2007) Em 1982 o novo governo ocorre muitas mudanças no cenário educacional, tais, como:

- Democratização da escola
- Autonomia docente
- Reorganização das series iniciais e Instituições de ciclo básico
- Política de atendimento a infância
- Mudanças curriculares e pedagógicas
- Organização do ensino de primeiro grau
- Municipalização

Em 1988 houve a reformulação da Constituição brasileira que definiu a educação como um direito de todos e um dever do Estado e da família. Além de promulgar que o Ensino Fundamental deveria ser obrigatório e gratuito. Em 1990 tem-se a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente que trará algumas mudanças no tratamento das crianças nas Instituições de ensino. Já no governo de Fernando Henrique Cardoso houve algumas mudanças legais na Educação consideradas prioridade.

- Nova LDB promulgada em 1996

- Implantação do FUNDEF (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério)
- Em 1998 discussão dos parâmetros curriculares nacionais.

Sendo assim, torna-se possível compreender os problemas enfrentados atualmente pela educação brasileira, que apesar da ampliação do acesso a escola ainda enfrenta problemas de repetência e evasão. ( NUNES, 2000) Após a descrição deste cenário de mudanças legislativas e estruturais, ficam evidentes dois aspectos que contribuem para os objetivos desta pesquisa: a dificuldade de permanência das classes populares na escola (exames de admissão) e a posição da escola como instrumento de ascensão social ao longo das décadas.

Constata-se que nos últimos trinta anos a escola pública ampliou a oferta de vagas, democratizando o acesso a Educação Básica<sup>14</sup> de oito anos, porém a expansão que ocorreu com maior intensidade no ensino ginasial não foi apoiada por todos os profissionais do magistério (ensino secundário), pois afirmavam que o aumento do número de vagas diminuiria a qualidade do ensino. Este argumento é sustentado até hoje, contudo o fato de ampliar a educação pública para todas as camadas sociais, não deveria ter ligação com a queda na qualidade de ensino, pois a Constituição (1988) assegura que a educação é direito de todos e dever do estado. (AQUINO, 1996) Então se pode afirmar que “esta escola de outrora tinha um caráter elitista e conservador, destinando-se prioritariamente às classes sociais privilegiadas. Ou melhor, o acesso das camadas populares era obstruído pela própria estruturação escolar da época”. (AQUINO, 1996 p. 44). E segundo Aquino (1996) superou-se o problema do acesso, mas o processo de exclusão agora se dá por outra via; a não permanência nas instituições de ensino, devido ao fracasso escolar.

Portanto, do ponto vista sócio- histórico a escola pública de antigamente, evocada com certo saudosismo por muitos professores, esconde uma educação que era voltada para o ensino das elites e gerida por práticas autoritárias. (AQUINO, 1996) E de acordo com Aquino (1996) o fenômeno da indisciplina pode ser compreendido a partir deste cenário, como:

[...] um sintoma de injunção da escola idealizada e gerida para um

---

<sup>14</sup> A Educação Básica correspondia ao ensino do 1º ao 8º ano ( Ensino Fundamental). Atualmente abrange três etapas do ensino( Ed. Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio).

determinado tipo de sujeito e sendo ocupada por outro. Equivaleria, pois, a um quadro difuso de instabilidade gerado pela confrontação deste novo sujeito histórico a velhas formas institucionais cristalizadas. [...] a indisciplina passaria, então, a ser força legítima de resistência e produção de novos significados e funções, ainda insuspeitos, à instituição escolar (p. 45)

Sendo assim, percebemos que as dimensões socioculturais do ambiente escolar interferem diretamente nos fenômenos disciplinares, porém, outros fatores externos a escola influenciam a prática pedagógica e o exercício da autoridade dos profissionais da Educação, entre eles, as mudanças na lei da Educação Nacional e a Criação do Estatuto da Criança e do Adolescente como veremos a seguir.

## **2.1 ECA E LDB O QUE MUDOU NA ESCOLA?**

Uma conquista para infância e para adolescência brasileira foi a elaboração do Estatuto da Criança e do adolescente (ECA), aprovado, após, reivindicações de movimentos sociais, dentre eles, o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMMR) e setores da Igreja Católica com a Pastoral do Menor. Esses movimentos denunciavam que além da miséria e violência que atingia um grande contingente de crianças no Brasil, havia também a segregação no âmbito legal, pois existia a “Vara da Família para atender a infância *normal*<sup>15</sup> e Juizado do Menor, para infância pobre e desvalida.” (MANCILLA, 2010 p. 4) Com a luta dos movimentos sociais em favor dos direitos da infância, o ECA trouxe uma nova concepção de infância e esse novo conceito, impactou diretamente na maneira de se tratar a criança e o adolescente até mesmo nas instituições de ensino. (Mancilla, 2010; DEMO, 1995).

E apesar de seu caráter protetor, aparecerem críticas ao ECA diante da emergência de violência nas escolas e dos atos indisciplinados de alunos. Educadores atribuem, ao Estatuto, as demonstrações de desobediência, pois consideram que o ECA deu apenas direito as crianças e adolescente, mas não deram deveres. (ORTH E CONFORTIN, 2010) Entretanto, esta afirmação não condiz com os termos da própria lei que, além de enfatizar o caráter protetor do ECA, traz também direcionamentos a serem tomados frente aos atos infracionais cometidos pelos jovens. Dessa forma, descrevem-se abaixo

---

<sup>15</sup> Grifos do autor.

artigos do Estatuto que se destinam ao Ensino Fundamental, relativos à responsabilização social e educativa das escolas:

Art. 54 É dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente:

I. ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiverem acesso na idade própria;

VII. atendimento no ensino fundamental, através de programas suplementares de material didático- escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.

§ 3º Compete ao Poder Público recensear os educandos no ensino fundamental, fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos pais ou responsável, pela frequência à escola.

Art. 56 Os dirigentes de estabelecimentos de ensino fundamental comunicarão ao Conselho Tutelar os casos de:

I- maus tratos envolvendo seus alunos;

II- reiteração de faltas injustificadas e de evasão escolar, esgotados os recursos escolares;

III- elevados níveis de repetência.

Art. 57. O poder Público estimulará pesquisas, experiências e novas propostas relativas a calendário, seriação, currículo, metodologia, didática e avaliação, com vistas à inserção de crianças e adolescentes excluídos do ensino fundamental obrigatório.

Art. 98. As medidas de proteção à criança e ao adolescente são aplicáveis sempre que os direitos reconhecidos nesta Lei forem ameaçados ou violados:

I - por ação ou omissão da sociedade ou do Estado;

II - por falta, omissão ou abuso dos pais ou responsável;

III - em razão de sua conduta.

Art. 101. Verificada qualquer das hipóteses previstas no art. 98, a autoridade competente poderá determinar, dentre outras, as seguintes medidas:

I - encaminhamento aos pais ou responsável, mediante termo de responsabilidade;

II - orientação, apoio e acompanhamento temporários;

III - matrícula e frequência obrigatórias em estabelecimento oficial de ensino fundamental;

IV - inclusão em programa comunitário ou oficial de auxílio à família, à criança e ao adolescente;

V - requisição de tratamento médico, psicológico ou psiquiátrico, em regime hospitalar ou ambulatorial;

VI - inclusão em programa oficial ou comunitário de auxílio, orientação e tratamento a alcoólatras e toxicômanos; (ECA, 2009)

Destaca-se no texto acima que a Educação é um direito da criança e do adolescente e que existem vários aspectos que visam possibilitar o acesso e a permanência em meio escolar. Além disso, os parágrafos de alguns artigos responsabilizam a escola e os profissionais da educação da garantia da integridade física das crianças e adolescentes, alunos da escola.

Após a apresentação dos direcionamentos dados a educação, a partir da criação do Estatuto da Criança e do Adolescente, é importante abordar algumas das mudanças

ocorridas no cenário educacional com a promulgação da lei educacional (lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96). Pois como veremos a seguir, esta lei trouxe implicações para a condição docente.

A elaboração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) aconteceu depois de oito anos de intensas discussões que envolveram os movimentos sociais e profissionais da educação, sobre a necessidade de uma lei que regesse a educação brasileira. O documento alterou a definição de trabalhadores da educação, no artigo 61 da lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, alterada pela lei 12.014 de 06 de agosto de 2009 e ficou definido que:

Art.61 : Consideram-se profissionais da educação escolar básica os que, nela estando em efetivo exercício e tendo sido formados em cursos reconhecidos, são:

I – professores habilitados em nível médio ou superior para a docência na educação infantil e nos ensinos fundamental e médio;

II – trabalhadores em educação portadores de diploma de pedagogia, com habilitação em administração, planejamento, supervisão, inspeção e orientação educacional, bem como com títulos de mestrado ou doutorado nas mesmas áreas;

III – trabalhadores em educação, portadores de diploma de curso técnico ou superior em área pedagógica ou afim. (LDB, 2010)

Este artigo cria uma amplitude na definição de profissionais da educação, que segundo Oliveira (2010) teria contribuído para dificultar a criação de uma identidade docente. A responsabilização do professor pelo aprendizado dos alunos também é um fator que contribuiu para a mudança nas relações escolares. Como lembra Oliveira (2004) “são considerados os principais responsáveis pelo desempenho dos alunos” (OLIVEIRA, 2004 p. 25) Outros artigos que já foram citados anteriormente, tais como, obrigatoriedade e gratuidade do Ensino Fundamental, também estão presentes na LDBEN.

### **3. METODOLOGIA DA PESQUISA**

Para alguns autores, conforme abordado anteriormente, a indisciplina é definida em relação ao conceito de disciplina e as possíveis causas para ocorrência deste fenômeno nas escolas, foi explicada ao longo dos anos por fatores externos ou internos as

instituições escolares, como apontou os estudos sobre essa temática. Destacamos também, a legislação brasileira (ECA e LDBEN) que trata dos direitos da criança e do adolescente e as diretrizes para a educação que trouxeram mudanças na conduta do professor perante o aluno e responsabilizações para as instituições de ensino. Assim, fica o questionamento da pesquisa: os atos indisciplinados dos alunos mudaram ao longo dos anos? O que os professores percebem sobre esses atos? Qual concepção de indisciplina que os professores trazem ao “julgar” o comportamento do seu aluno?

Diferentes campos das ciências humanas vêm analisando as questões disciplinares e neste trabalho recorreremos ao campo da sociologia, pelo fato do professor estar imerso em um contexto sociocultural, que exerce influência sobre a sua expectativa perante o aluno, de acordo com estudos já realizados. Nessa perspectiva o estudo foi realizado nos moldes da pesquisa qualitativa, que busca compreender profundamente o que está sendo estudado e coloca o pesquisador próximo do seu objeto de estudo. (BODGAN e BIKLEN, 1994) E para esta abordagem metodológica a entrevista tem se mostrado de grande eficiência para coleta de informações, devido à possibilidade de buscar conhecimentos relativos a fatos de vida dos entrevistados (SZYMANSKI, 2002).

Com isso, no desenvolvimento e estruturação da pesquisa de campo, estabelecemos como metodologia de investigação a *entrevista estruturada*, que consiste na realização de perguntas diretas, previamente elaboradas (Gil, 2010 [1987]) tendo, por finalidade evitar a variação entre as questões feitas aos entrevistados. Assim, é possível ter uma uniformidade nas informações recolhidas, facilitando a obtenção de dados por amostra.

E para análise das informações obtidas nas entrevistas, foram realizadas transcrições que é a versão escrita do texto falado (SZYMANSKI, 2002). Mas, sabemos que a linguagem oral difere-se da linguagem escrita, dessa forma, na tradução de um código para o outro ocorrem algumas alterações. No entanto, buscamos manter a veracidade do texto, mesmo com a retirada de alguns vícios de linguagem e expressões de difícil compreensão, para facilitar o entendimento do leitor.

A transcrição permite uma melhor análise dos aspectos da entrevista, facilitando a agrupação dos dados através da criação de categorias (SZYMANSKI, 2002). Assim, após algumas releituras do material, criamos algumas categorias para análise do

conteúdo. Porém, destacamos também as limitações metodológicas que ocorreram no campo da pesquisa, pois realizar as entrevistas e as transcrições demandou certo esforço dado às condições de trabalho dos docentes no Brasil.

Ao agendar com os professores para realização das entrevistas, dois aspectos ficaram evidentes: a falta de tempo destes profissionais (devido à dupla ou tripla jornada) e a falta de espaço individualizado na escola, mas esta temática pode ser discutida em outros trabalhos. Com isso, as perguntas tinham que ser rápidas e objetivas, além de uma entrevista apresentar muito ruído<sup>16</sup> e conversas de outros professores, visto que, estávamos na sala dos professores na hora do recreio, por não haver outro espaço na escola que pudéssemos conversar. Além disso, é importante ressaltar que todas as entrevistas foram feitas na escola em que os professores lecionam, segundo a disponibilidade de tempo de cada um. Contudo, destacamos o grande interesse dos professores em colaborar com a pesquisa e em responder as questões sobre a indisciplina, como se pudessem “desabafar” sobre as situações vivenciadas por eles no ambiente escolar.

### **3.1 OS SUJEITOS DA PESQUISA**

Buscamos analisar a visão de professores da rede estadual de Minas Gerais a respeito de suas percepções sobre a indisciplina na sala de aula. E para alcançar os objetivos da pesquisa, tivemos que selecionar professores com determinadas características. Dentre elas, que leccionassem a pelo menos vinte<sup>17</sup> anos para turmas dos anos finais<sup>18</sup> do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), tivessem formações acadêmicas diferentes e trabalhassem na mesma escola. Pois, ao lecionarem na mesma escola, consideramos que lidam com os mesmos alunos. E ao escolhermos professores de diferentes disciplinas seguimos as pistas de outros estudos que afirmam que os estudantes apresentam comportamentos diferenciados em diferentes disciplinas. Dessa forma, foi realizada entrevistas com três professores da rede Estadual de Educação de Belo Horizonte.

---

<sup>16</sup> As conversas foram gravadas.

<sup>17</sup> Para entender as mudanças no comportamento dos alunos nas últimas décadas na visão dos professores.

<sup>18</sup> Nesta etapa de ensino os alunos já possuem um período mínimo de cinco anos de escolarização, portanto já deveriam ter internalizado as regras escolares, como aponta estudos.

A primeira entrevista foi realizada com uma professora de Educação Física, que tem 34 anos de profissão docente. Ela demonstrou interesse em responder as perguntas e foi muito atenciosa, apesar do pouco tempo para conversa, devido aos compromissos, pois atualmente é diretora da escola. A segunda entrevista foi com a professora formada em matemática com licenciatura plena que tem 23 anos de exercício na profissão docente. E além, de ser professora é também vice-diretora da escola. As duas professoras foram entrevistadas em dias e horários diferenciados, pois uma é responsável pelo turno da manhã e outra pelo turno da tarde. A terceira entrevista foi realizada com o professor de história que também é formado em Filosofia. E possui 22 anos de docência. Ele também teve desde o primeiro contato para falar sobre o tema da pesquisa, demonstrou interesse em falar, inclusive das dificuldades em lidar com os alunos. E para a identificação destes professores ao longo da pesquisa optamos por diferenciá-los pelas disciplinas que ministram, não por nomes fictícios.

Dessa forma, apesar das dificuldades metodológicas que é comum a toda pesquisa, os objetivos foram alcançados, pois encontramos professores com o perfil esperado e abertos a falarem sobre um tema que para muitas escolas tem se tornado um problema de difícil solução. Assim, no próximo capítulo veremos a percepção dos professores a respeito da indisciplina nas últimas décadas.

#### **4. A VISÃO DOS PROFESSORES COM RELAÇÃO A MUDANÇAS NO PERFIL DOS ALUNOS INDISCIPLINADOS.**

Como já mencionado anteriormente, a indisciplina tem sido apontada por muitos docentes como o principal problema enfrentado por eles na sala de aula. Pesquisas apontam que os professores brasileiros gastam muito tempo tentando manter o controle da sala, em detrimento das atividades pedagógicas. E segundo Aquino (1996) o problema disciplinar deixou de ser algo eventual e particular para se tornar um dos maiores obstáculos para o trabalho pedagógico. Isto foi demonstrado também, no relatório do “Programa Internacional de Avaliação de Estudantes” (PISA).

Segundo esse relatório, o clima disciplinar de uma escola constitui um dos fatores que mais influenciam o desempenho acadêmico dos estudantes. Como se não bastasse, o estudo demonstrou também que,

se, de modo geral, todos os alunos perdem com o clima disciplinar degradado de uma escola, são especialmente aqueles com nível socioeconômico e cultural desfavorecido que mais fortemente têm seus resultados prejudicados. (SILVA, 2010, p.1)

Então, pode-se concluir que o clima disciplinar é fundamental para a qualidade da educação de crianças e jovens, sendo que, a disciplina está ligada a autoridade do professor e as regras de convivência. (SILVA, 2010). Dessa forma, este capítulo busca abordar o que os professores perceberam ao longo dos anos, com relação aos atos indisciplinados de seus alunos.

#### **4.1 AUTORIDADE E O “BOM ENSINO” DE ANTIGAMENTE**

“Os alunos se interessavam mais. O Ensino Público era melhor do que agora, os meninos parecem que vem a escola só para conseguir um diploma. Tá muito difícil conquista-los em questão de responsabilidade, comprometimento.” (Professora de Educação Física).

“... os alunos te respeitavam mais, eles respeitavam... era mais fácil conseguir esse domínio dos atos... porque existia um respeito também pela pessoa do professor, eu acredito que a mudança que está acontecendo é uma mudança conceitual mesmo, de valor...” (Professor de História)

“Hoje mudou muito, na questão do respeito com a gente. Na forma de lidar com os professores, tá havendo um desrespeito muito grande da pessoa.” (Professora de Matemática)

Como se pode observar, existe uma percepção comum entre os professores com relação ao comportamento dos seus alunos em sala de aula. Evidenciamos que para eles ocorreram mudanças ao longo das últimas décadas, o que discutiremos adiante.

Nas falas transcritas acima, os docentes demonstram as suas insatisfações com o ensino atual e com as atitudes dos alunos para com eles. E fica claro que na visão dos professores, a relação professor- aluno foi abalada ao longo das décadas. Sendo que, em todas as falas observamos direta ou indiretamente o questionamento sobre a falta de respeito. Dessa forma, podemos inferir que a grande mudança percebida pelos professores nas últimas décadas foi à perda da autoridade. Assim, os alunos considerados indisciplinados teriam um comportamento de negação à autoridade docente e seriam desinteressados e desmotivados, como aponta a fala da professora de Educação Física que expõe a dificuldade de conquistar seus alunos.

Quando falamos de autoridade docente não podemos esquecer que ela tem se constituído no ambiente escolar a partir das normas, ou seja, “a cada manifestação do que considera ato de indisciplina no ambiente da escola surge a *norma*<sup>19</sup> como único recurso para se restabelecer a ordem desejada.” (SILVA, 2011,p.10 ) E a utilização da norma como um único recurso para resolução dos conflitos escolares acabaria por enfraquecer o vínculo educativo, segundo Silva (2011), contudo, não estamos negando a necessidade da regra, ao contrário, sabemos da extrema importância das regras de disciplina para um bom trabalho pedagógico, mas “o ciclo de produção e quebra de normas que,[...], exclui a possibilidade de estruturação de um vínculo educativo que faça valer a autoridade sem que se tenha, na aplicação da norma, o único recurso.” (SILVA, 2011, p.10)

Já que, a relação professor- aluno pressupõe um “acordo” entre ambas as partes, onde o aluno reconhece que o professor como alguém que pode lhe ensinar algo ou que sabe mais que ele (FREIRE, 1996), o que definimos como uma relação de autoridade. E conforme discutimos no capítulo I, a autoridade do professor constitui-se num importante instrumento para o trabalho pedagógico, pois “muitas vezes, o professor não consegue disciplina porque não tem autoridade diante dos alunos”. (VASCONCELLOS, 2006, p.54) Para os professores da pesquisa o comportamento dos alunos de hoje diferem muito dos outros anos. Segundo eles a indisciplina e a falta de respeito dos alunos para com eles podem ser explicadas por fatores externos a escola. Vejamos a seguir:

**Professor de História**

Acho que na verdade, reproduzem aquilo que eles têm em casa, acho que o conceito de família. Muita violência em casa, a própria desestruturação familiar, pais separados, é... as vezes nem vive com os pais, vivem com os avós...

**Professora de Educação Física**

Eu acho que a família é muito importante, e infelizmente muitas famílias não existem mais, há muita separação. Hã... falta de compromisso da família, muitos pais alcoólatras, há muitos pais que usam drogas, que traficam, então... há falta de direção da família, aí os alunos se sentem perdidos, as vezes não tem nem quem recorrer, né?

**Professora de matemática**

Eu acho que o social interfere muito, porque à medida que ele não tem isso em casa, no meio que eles vivem a questão de como lidar com as pessoas, com o respeito com o mais velhos, de lidar com autoridade,

---

<sup>19</sup> Grifos do autor

com o ambiente onde ele está em grupo, então eu acho que isso assim... é... influencia o fator externo influencia muito dentro da escola o que é tá lá fora reflete aqui na escola. Eu acho que é isso. Porque às vezes a gente chama o pai ou a mãe assim... para conversar, e ele trata a mãe assim igual ele trata os funcionários da escola, então é o jeito que ele é acostumado, que ele foi criado, sabe?

O mau comportamento dos alunos é atribuído à desestruturação das famílias e a falta de relação de autoridade entre os membros da família, ou seja, a indisciplina escolar e o não reconhecimento da autoridade do professor teria uma motivação externa, segundo afirmação dos docentes. Porém, diferentes estudos e pesquisas mostram que apesar da conduta dos alunos serem influenciadas por fatores externos ao ambiente escolar “certas características do trabalho educativo desenvolvido pelos professores costumam funcionar como fatores inibidores ou favorecedores da indisciplina.” (SILVA, 2010, p.8) Assim, é possível entender porque existe diferença de intensidade dos atos indisciplinados em uma mesma turma, com diferentes professores. Podemos afirmar também, que a indisciplina pode variar a depender da disciplina. Como verificamos na afirmação feita pela professora de Educação Física:

Olha! A Educação Física ela tem um diferencial dos outros conteúdos, porque os meninos gostam muito, então eles por si só já mantem a disciplina e sabe que se não mantiverem a disciplina não terão aula, né, então é muito tranquilo eu não posso falar o mesmo com os outros conteúdos, porque eles não tem os mesmos interesses pelos outros conteúdos.

Nesta fala da professora de Educação Física, conclui-se que um dos fatores que influenciaria no comportamento dos alunos é o interesse pelo que esta sendo oferecido a eles. Assim, infere-se que a autoridade do docente é construída também em relação com o discente, pelo fato, de seu reconhecimento se dá quando o aluno legitima a pratica do professor.

Outro aspecto presente nas falas dos professores é a concepção que antigamente a escola era melhor que hoje. Mas sabemos que existem outras variáveis, pois há alguns anos tínhamos uma alta taxa de reprovação, evasão escolar, vagas insuficientes em determinadas etapas da Educação Básica e com isso, um perfil de alunado não chegava a concluir o Ensino Fundamental e outros não chegavam aos anos finais do E.F. com isso a diversidade era menor em relação aos tempos atuais. E como aponta Castro

(2009) “No Brasil, mais recentemente, ocorreram avanços importantes na ampliação do acesso a todos os níveis e modalidades educacionais...” (p.674) E quando afirmam que “os alunos respeitavam mais” é importante falar das relações de poder estabelecidas pela escola de antigamente, onde os métodos punitivos eram extremamente questionáveis. Destacamos então a dificuldade de muitos docentes em lidar com a diversidade que hoje se apresenta na escola.

E para Vasconcellos (2006) os professores ainda esperam que o “aluno traga um reconhecimento natural para com sua pessoa” (p.54). Algo que acontecia quando a escola era um caminho de ascensão social e o professor seu representante mais capacitado.

A professora de matemática, quando foi perguntada a respeito do que ela espera de seu aluno, respondeu: “Eu espero que ele faça as obrigações que ele seja ativo na forma de... de perguntar venha à aula, seja mais participativo, porque não tá havendo muito a participação dele não. Tá havendo certa apatia.” Dessa forma, denota-se que a professora tem uma expectativa sobre o seu aluno, e este não tem respondido ativamente aos seus anseios. Porque tantos alunos têm ficado indiferentes aos conteúdos propostos pelos professores? Já que, todos os professores falaram da falta de interesse dos alunos, mas devido às limitações desta pesquisa não aprofundaremos nesta temática.

#### **4.2 AS IMPLICAÇÕES DO ECA: O QUE MUDOU?**

Os professores perceberam que ao longo dos últimos anos, tiveram uma perda de autoridade no ambiente escolar e atribuíram esse fenômeno a uma mudança nas relações familiares, como apresentamos anteriormente. Outro fator que explicaria o aumento deste fenômeno apresentado por eles seria a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Vale lembrar, que a criação do ECA se deu após reivindicações de alguns setores da sociedade, dentre eles, os profissionais da educação, como aponta, os estudos sobre o ECA.

Para o professor de História o ECA trouxe implicações para a educação brasileira e afirma que: “ ... aquele respaldo do Estatuto do Adolescente, com esse negócio que pode tudo... preparar os pilares e eles assimilaram muito direito, pouco deveres.”

Já para professora de Educação Física “este Estatuto da Criança e do Adolescente os protege muito, eu acho que é falta de limite, se eu pudesse, se a lei me permitisse, eu teria postura diferente, por exemplo, [...] ser mais rigorosa na indisciplina, mas não tem... nada pode ser feito, só conversar”.

Assim, consideram que o processo de desautorização docente pode ser atribuído também ao ECA, pois em certa medida ele teria interferido nas práticas punitivas da escola, pelo fato de dar muitos direitos aos alunos e nenhum dever, segundo os professores da pesquisa.

De acordo Orth e Confortin (2010), existe uma desinformação por parte da sociedade e das instituições de ensino sobre os princípios e as diretrizes do ECA, dessa forma, estes setores não reconheceriam sua função frente as questões que envolvem a criança e o adolescente, já que, o processo socioeducativo está ligado aos contextos sociais. E ainda, os profissionais da educação teriam certa dificuldade em “inserir as questões em torno dos direitos da criança e do adolescente com a problemática social trazida pela pós-modernidade.” (ORTH e CONFORTIN, 2010, p. 36) E afirma que o conceito de direito ainda é visto na perspectiva da educação tradicional. Além disso,

[...] os princípios do ECA rompem com o paradigma cartesiano, quando exclui ações classificatórias, seletivas e discriminatórias inseridas na sociedade. E isso se configura nas escolas e nas relações sociais em crise de paradigmas tanto por parte dos professores quanto por parte dos familiares. Apresentam inseguranças e medos no que diz respeito às cobranças que possam vir a ser realizadas pelos filhos, pelos alunos e pelo Conselho Tutelar. ( ORTH e CONFORTIN, 2010, p. 36)

Portanto, consideramos que o ECA foi sem dúvida um grande avanço no cenário legislativo brasileiro no que diz respeito aos direitos da criança e do adolescente. Porém existem falhas com relação a sua divulgação e leitura reflexiva por parte da sociedade e dos profissionais das instituições de ensino, que em outro momento da história lutaram para a sua constituição.

### **4.3 A insegurança...**

**Prof.<sup>a</sup> de Educação Física**

“A insegurança, né... porque assim... a gente tem o conhecimento teórico, mas na prática é só com a prática mesmo. Então antes de começar a dar aula à gente tem uma insegurança, eu acho que o professor ele nasce com perfil de professor ou não. E eu nasci com perfil para ser educadora, então... ao longo da experiência fui achando muito tranquilo”.

**Prof.<sup>a</sup> de Matemática**

“Foi à questão de manter a disciplina a sala, mesmo. Porque nova de idade e de profissão né, então a gente... tem muito manejo de classe não, só depois com a experiência que a gente adquire.”

Nos relatos transcritos acima, podemos compreender quais foram às dificuldades enfrentadas pelas professoras no início da docência. A insegurança foi algo que apareceu nas duas falas, sendo que afirmaram ter o conhecimento teórico, ou seja, já eram formadas, mas tiveram dificuldade para lidar com as questões cotidianas da sala de aula.

E manter a disciplina em sala era uma das dificuldades a serem enfrentadas. E segunda a professora de matemática isso foi melhorando com o tempo. A professora de Educação Física também falou da necessidade do tempo de conhecimento prático para lidar com as situações escolares. Dessa forma, podemos afirmar que o docente necessita do conhecimento teórico tanto quanto, a vivência prática. Como vemos no relato do professor de história: “Na verdade não tive dificuldade porque... primeiro...a gente faz estágio na faculdade, né, eu passei por uma... é ... por um estágio muito bem feito, foi até numa escola particular muito boa.”

#### **4. 4 INDISCIPLINA X VIOLÊNCIA**

Os atos indisciplinados costumam ser conceituados como violência e vice-versa. Devido a difícil definição e separação destes dois conceitos e muitas vezes os meios de comunicação não fazem a distinção destes dois fenômenos. A indisciplina como já foi definida neste estudo está ligada a violação de regras e a violência caracteriza por um poder coercivo, uso de força e existência de agressor e vítima, como foi definido em Silva (2010). Ao analisar as entrevistas percebemos que os professores não separam estes dois conceitos, utilizando apenas indisciplina para falar das atitudes dos alunos.

Quando o professor fala: “Então eles começam a brincar, mexer com o boné do outro, mexer com o celular, aí se pega sem autorização, aí já leva a mão na cara, aí vira aquela confusão, se o professor entra ele vai tomar naquele lugar, então assim...” Esta cena começa com um ato indisciplinado dos alunos, mas no momento em que o aluno agride o colega, torna-se um ato violento.

Outra situação descrita foi:

Ato indisciplinado? Coisa muito simples no recreio temos jogo, certo? Tem basquete, tem vôlei, então se um aluno fica com raiva, por causa de alguma situação durante o jogo, ele se sente no direito de dar um soco no rosto do outro, porque não fica satisfeito com o que aconteceu durante a partida. E acha que é simples “Ah! fiquei com raiva dele e dei um soco, e pronto”.

A professora de Educação Física ao descrever a cena acima está atribuindo uma situação de violência como sendo um ato de indisciplina. E a não separação destes dois fenômenos pode dificultar ou gerar intervenções erradas. Porém, o termo violência é empregado pelos docentes em situações externas à escola, quando se referem a fatos familiares ou da localidade onde os alunos vivem. Como na fala do Prof. de História “às vezes nem vive com os pais vivem com os avós, levam muita “porrada” é muita violência.” E da Prof.<sup>a</sup> de Educação Física “...o mundo está muito violento, o uso da droga tá muito alto. E isso aí contribui para que eles sintam perdido, porque retorno financeiro com a droga é muito fácil, muito rápido e muito alto.”

Observamos que a violência e a indisciplina que eles observam na escola seriam motivadas por fatores extremamente externos, ou seja, viria de “fora para dentro”. Não foi abordado em nenhum momento das entrevistas fatores ligados a questões internas da escola, tais como, abordagem pedagógica, coordenação ou postura dos docentes.

## **CONCLUSÕES FINAIS**

Buscou-se com este estudo descrever e analisar a visão dos professores do Ensino Fundamental da rede Estadual de Belo Horizonte, sobre o perfil de alunos considerados indisciplinados, nas últimas décadas. Esta investigação se deu por meio de entrevistas e aprofundamento na bibliografia sobre a temática da indisciplina.

Primeiramente fizemos uma abordagem teorizada sobre a temática utilizando de alguns teóricos clássicos para traçar a construção do conceito de indisciplina ao longo dos séculos. E depois, fomos buscar nas pesquisas mais recentes como o conceito vem sendo utilizado. Para análise das entrevistas foi necessário recorrer também à legislação brasileira que rege a Educação e os direitos da criança e do adolescente.

A partir da conceituação teórica e da análise das entrevistas, afirmamos que segundo a visão dos professores ocorreram mudanças no perfil dos alunos indisciplinados. E uma das mudanças teria sido a desautorização do docente, ou seja, a perda da autoridade desde profissional da educação diante de seus alunos. Sendo a explicação para este acontecimento à falta de referência familiar (as famílias estariam desestruturadas). Podemos confrontar este pensamento dos docentes com a visão que Durkheim (2008) tinha a respeito da autoridade docente, pois para ele a autoridade deveria vir do professor e considerava a família incompetente para ensinar os valores morais. Consideramos importante este dado, porque no século XIX e XX Durkheim defendia não caberia à família ensinar os valores morais, mas a escola e no século XXI professores defendem que este ensino deve se dar no ambiente familiar.

Outros teóricos clássicos (BOURDIEU e PASSERON 1975; TESTANIÉRE *in* SILVA 2007; BAUDELLOT e ESTABLET *in* SILVA 2007) já afirmavam que as classes populares ou operárias eram as mais atingidas pelo fenômeno da indisciplina. Algo que foi apontado também por estudo recente feito pelo PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes) como foi lembrou Silva (2010) em seu artigo sobre “*Os professores e a problemática da indisciplina na sala de aula.*”

Ressaltamos também a interferência do Estatuto da Criança e do Adolescente como colaborador para perda da autoridade, segundo afirmações dos docentes, porém demonstramos através dos artigos que dão diretrizes para as escolas a respeito dos direitos e deveres dos alunos proposto no ECA, é a promoção de uma educação para diversidade, sem exclusão. A insegurança dos docentes também foi outro fator que consideramos como influente na relação professor-aluno e na percepção de indisciplina.

Portanto, destacamos a relevância da pesquisa para o entendimento do cenário atual no que diz respeito à indisciplina escolar e a condição docente. Além de trazer uma

reflexão sobre as mudanças educacionais que ocorreram nas últimas décadas e suas implicações para o ensino. E quando trabalhamos com a visão do professor, temos a oportunidade de conhecer os fatores que interferem na sua prática docente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, Carolina Faria. *Relações de gênero e trabalho docente: jornadas e ritmos no cotidiano de professoras e professores*. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

AQUINO, Julio Groppa. *A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento*. In AQUINO, Julio Groppa. *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996. p.39- 55.

AQUINO, Julio Groppa. Da (contra) normatividade do cotidiano escolar: problematizando discursos sobre a indisciplina discente. *Cadernos de pesquisa*, v. 41, n.143, maio./ ago. 2011 p. 456- 484.

AQUINO, Julio Groppa. *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996. (apresentação)

AQUINO, Julio Groppa. *Indisciplina: o contraponto das escolas democráticas*. São Paulo: Moderna, 2003. (coleção cotidiano escolar)

ARELARO, L. R. G. O Ensino Fundamental no Brasil: avanços, perplexidades e tendências: *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 92, p. 1039-1066, Especial - Out. 2005

BOGDAN, Robert e BILKEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A Reprodução*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1975 (tradução de Reynaldo Bairão).

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Alfredo (orgs). *Escritos de educação*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003a, p. 39-64.

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. *LDB passo a passo: Lei de diretrizes e bases da educação nacional, lei nº 9.394/96 comentada e interpretada, artigo por artigo*. 4ª. ed. rev. e ampl. São Paulo: Avercamp, 2010.

BRASIL. ECA: Estatuto da Criança e do adolescente: lei 8.069/1990. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. Conteúdo: Constituição Federal e Código Civil: Lei 8.069/1990 (atualizada até a lei 11. 829/2008). Legislação correlata (atualizada até o Dec. 6.629/2008).

DEMO, Pedro. Cidadania Tutelada e Cidadania Assistida. Campinas: Autores Associados, v.1, 1995.

DURKHEIM, Émile. *A educação Moral*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Coleção Sociologia) Tradução de Raquel Weiss.

FRANCO, C. ; ALVES, F.; BONAMIANO, A. *A qualidade do ensino fundamental: políticas, suas possibilidades, seus limites*. Educ. Ssoc., Campinas, vol. 28, n.100-especial, p.989- 1014, out. 2007.

FRANÇA, Júnia Lessa. *Manual para Normalização de Publicações Técnico-científicas*. 8ª. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (coleção leitura)

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5ª. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?. *Revista Brasileira de Educação*. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, São Paulo, n. 021, set-dez.2000, p. 40-51.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. Diálogo com docentes acerca da violência em meio escolar. In: *I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais*, 2010, Belo Horizonte. **I Seminário Nacional Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais**, 2010.

GUIRADO, Marlene. *Poder indisciplina: os surpreendentes rumos da relação de poder*. In: AQUINIO, Julio Groppa. *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996, p. 57- 71.

LAVILLE, Christian e DIONNE, Jean. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artes Médicas; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LUZ, Iza Rodrigues da. Relações entre crianças e adultos na Educação Infantil. In: *I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais*, 2010, Belo Horizonte. **I Seminário Nacional Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais**, 2010.

MANCILLIA, Claudio Andrés Barria. *ECA, LDB e Educação Popular: perspectivas diversas para diversos fins*. In: 29ª Reunião Anual da ANPED. Caxambu, 15 a 18 de out. 2006. Disponível em <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/gt06-2272--int.pdf>>. Acesso em 10 jan. 2013.

NUNES, Clarice. “O ‘velho’ e ‘bom’ ensino secundário: momentos decisivos”. *Revista Brasileira de Educação*, n. 14, mai-ago 2000. p. 35-60.

OLIVEIRA, Maria Izete de. *Indisciplina escolar: determinações, conseqüências e ações*. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

ORTH, Maria Rúbia Bispo; CONFORTIN, Andressa. Ações do ECA em escolas de Ensino Fundamental. *Revista Perspectiva*, v.34, n.128, p. 23-38, dezembro/2010.

SILVA, Luciano Campos da. *Disciplina e Indisciplina na aula: uma perspectiva sociológica*. Belo Horizonte: UFMG, 2007. Tese (doutorado)- Programa de pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

SILVA, Gilmar Moura da. *Autoridade docente e o vínculo educativo contemporâneo*. Belo Horizonte: UFMG, 2011. Dissertação (mestrado). Programa de pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007.

SZYMANSKY, Heloísa (org). *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. Brasília: Editora Plano, 2002.

TAILLE, Yves de La. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In AQUINO, Julio Groppa. *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996.

TOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. (In) *Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola*. 16ª ed. São Paulo: Libertad Editora, 2006. (Cadernos Pedagógicos do Libertad; v.4)

## **ANEXOS : Transcrições**

Professor: 1

Formação: História e Filosofia

Tempo de docência: 22 anos

### **O que mais você sentiu dificuldade no início para lidar com os alunos?**

Na verdade não tive dificuldade porque..., primeiro... porque a gente faz estágio na faculdade, né, eu passei por uma ... é ... por um estágio muito bem feito, foi até numa escola particular muito boa. O primeiro contanto é prazeroso ... acho que é... sempre prazeroso, mas com o passar dos tempo as regras foram mudando, foram modificando, foi se tornando mais complicado o ato de ensinar.

### **No início da sua docência, quais eram os casos de indisciplina que tinha na sua sala ou outras professoras?**

É... (pausa) engraçado.... os alunos eles te respeitavam, eles respeitavam ... era mais fácil conseguir esse domínio dos atos ... porque existia um respeito também pela pessoa do professor, eu acredito que a mudança que tá acontecendo é uma mudança conceitual mesmo, de valor, de... filosofia de vida, é... a estrutura familiar tudo mudou. Então, assim depois teve aquele respaldo do Estatuto do adolescente com esse negocio que pode tudo... preparar os pilares e eles assimilaram isso muito direito, pouco deveres Foi respaldo pela lei

### **Quais os casos que você mais vê?**

Todos né? Começa pela falta de respeito dele mesmo das pessoas que estão com ele , ele trata os professores como um colega, ele não tem mais como autoridade, raríssimo Acho que na verdade, reproduzem aquilo que eles tem em casa, que eu acho que o conceito de família muita violência em casa, a própria desestruturação familiar, pais separados, é... as vezes nem vive com os pais vivem com os avós, levam muita “porrada” é muita violência

Já perderam o foco, perderam aquela

A educação que eles tem em casa ou que eles não tem em casa eles transmitem

### **E você vê isso mais presente entre meninos ou meninas?**

Tá igual, tá tudo igual. Em alguns casos as meninas vão ser até piores. Afloro muito a... competição sexual parece que cada vez mais cedo. Então também já é uma das dificuldades que esta havendo também essa... lidar com esta questão sexual , cada vez mais cedo as meninas estão... estão muito precoce nesta questão. Então influencia

muito né, dentro da sala de aula, tratar. Contribui para indisciplina, para falta de atenção.

**No caso você já falou o que poderia motivar, né. Mas você poderia me dar exemplos de indisciplina?**

Bom... eles já vem com uma defasagem, porque de alguns anos pra cá o nível do ensino caiu demais, não vou nem questionar se é por uma questão cultural, se é da cultura, caiu demais, então eles já vem com uma defasagem, um aluno que vem com defasagem ele fica mais propício a ter uma dispersão dentro da sala, então não concentra nada. Uma coisa que eles não sabem ler, não sabe fazer direito, não estão atentos, a ... existe a possibilidade de dispersão é muito grande. Então eles começam a brincar, mexer com o boné do outro, mexer com o celular, aí se pega sem autorização, aí já leva a mão na cara, aí vira aquela confusão, se o professor entra ele vai tomar naquele lugar, então assim... a falta de educação tá total, mais ou menos neste estilo aí. Só que são raros os professores que com muito diálogo, com muito tato conseguem manter um certo domínio que até ameniza. Até derrepente com a própria direção da escola, porque da mesma maneira que eles falam com o colega, eles falam, mandam o colega pra aquele lugar, manda a professora, manda a diretora. do mesmo jeito, do mesmo jeito. Então eles não tem mais esta noção de hierarquia, de autoridade eles perderam.

**Professora : 2**

Tempo de docência: 34 anos que esta na Educação

Formação: Educação Física

Atuação: diretora da escola

**No inicio da sua carreira como professora o que foi mais difícil?**

A insegurança, né... porque assim... a gente tem o conhecimento teórico, mas na prática é só com a prática mesmo. Então antes de começar a dar aula à gente tem uma insegurança, eu acho que o professor ele nasce com um perfil de professor ou não. E eu Penso que eu nasci com o perfil para ser educadora, então... ao longo da experiência fui achando muito tranquilo.

**Ahn tá.**

**Logo quando você começou o comportamento dos meninos com relação a indisciplina, na sua sala ou de outro professor o que você observou? Você pode dar exemplo?**

Olha! A Educação Física ela tem um diferencial dos outros conteúdos, porque os meninos gostam muito, então eles por si só já mantem a disciplina e sabem que não mantiverem a disciplina não terão aula, né, então é muito tranquilo eu não posso falar o mesmo com os outros conteúdos, porque eles não tem os mesmos interesses pelos outros conteúdos.

### **Hãn**

Então quanto a disciplina eu nunca tive problema, agora eu não sei exatamente por educação física, se eu não teria a mesma facilidade se fosse outro conteúdo.

#### **Você observou algumas práticas que outros professores que reclamavam?**

Um pouco mais que eu sim, mas quando eu comecei a disciplina era muito melhor do que hoje. Os alunos se interessavam muito mais. O ensino público era muito melhor do que agora, os meninos parecem que vem a escola só pra consegui um diploma. Tá muito difícil conquista-los em questão de responsabilidade, comprometimento.

#### **Você poderia me dar exemplos dos casos que vem ocorrendo agora?**

Nítido a postura dos alunos, o respeito que eles tinham com os professores necessitando dos exercício de casa e de sala de aula, hoje em dia os alunos não tem comprometimento nem no dia de fazer prova, se a gente não ficar em cima mesmo, tem aluno que vem fazer prova e não sabe o conteúdo que é a prova do dia. É desinteresse mesmo, é desinteresse, indisciplina, falta de respeito, coisas que um tempo atrás não existia, professor era ídolo, era respeitado, era valorizado. Hoje em dia os alunos tem que ser respeitado, mas no plano de fundo não é a mesma identidade acho que dificulta muito o ensino, muito.

#### **O que pode ter motivado está postura dos alunos?**

A falta de limite pra eles, porque eles só tem direito, né. Este Estatuto da Criança e do Adolescente os protege muito, eu acho que é falta de limite, se eu pudesse, se a lei me permitisse, eu teria postura diferente, por exemplo, ser rigorosa na hora de entrada dos alunos, se rigorosa, mais rigorosa na atitudes violentas dos alunos, ser mais rigorosa na indisciplina, mas a gente não tem...muita forma de está combatendo isto, nada pode ser feito, só conversar, conversar. Tá tudo bem o diálogo é importante, mas tem momento que só o diálogo num satisfaz eu penso que tinha que ter uma opção mais severa. Uma opção assim... o aluno que está indisciplinado ter uma pena alternativa, sabe? De fazer um trabalho... em alguma instituição, não é prisão, não estou falando em momento algum, tô falando assim que ele tinha que ser penalizado por um ato indisciplinado,

como uma violência, um roubo não é muito complicado, só é muita teoria mais na prática.

### **Você pode me dar exemplo de um ato indisciplinado**

Ato indisciplinado? Coisa muito simples no recreio temos jogo, certo? Tem basquete, tem vôlei, então se um aluno fica com raiva, por causa de alguma situação durante o jogo, ele se sente no direito de dar um soco no rosto do outro, porque não fica satisfeito com o que aconteceu durante a partida. E acha que é simples “Ah! fiquei com raiva dele e dei um soco, e pronto.”

### **E dentro de sala o que você percebe?**

Dentro de sala... o que tem é muito é falta de respeito mesmo, é jogar bolinha de papel, ficar conversando sem prestar atenção na aula, as vezes ficar de costa para o professor, é essa falta de compromisso mesmo. Eu acho que é a falta de esperança também, dos alunos com o conhecimento. Eu acho que eles pensam que esta muito distante conseguir uma profissão melhor através dos estudos.

### **Fatores externos você acha que também interfere?**

Eu acho que a família é muito importante, e infelizmente muitas famílias não existem mais, há muita separação. Há... falta de compromisso da família, muitos pais alcoólatras, há muitos pais que usam drogas, que traficam, então... há uma falta de direção da família, ai os alunos se sentem perdidos, as vezes não tem nem alguém recorrer, né? E o mundo está muito violento, o uso da droga tá muito alto. E isso aí contribui para que eles sintam perdido, porque retorno financeiro com a droga é muito fácil, muito rápido e muito alto. Então não tem que conduza está situação, pra desviar deste caminho. Então às vezes ele entra para este caminho, porque ele vem para escola todo dia durante muitos anos desta forma honesta é muito mais difícil, então pra eles é mais muito mais viável. O caminho mais rápido.

### **No inicio da sua carreira, os atos indisciplinados eram quais?**

Olha! Primeiro que quase não tinha, muito menor, os alunos eram muito mais interessados, eu penso que as famílias eram mais estruturadas e a cada ano que passa eu vejo que a situação fica mais agravante que o ano anterior, sabe? As famílias já não tem mais compromisso com os filhos, né já não consegue domina-los mais e o aluno já fala com toda firmeza “ Se vocês encostarem a mão eu vou denunciar e chamar a policia” Então, assim... não tem mais aquela diferença é o pai é o filho, não tem a família na maioria é claro que eu também não posso falar que é 100%, não tem essa diferença de

quem é o pai e quem é o filho, todo mundo manda, todo mundo xinga ninguém se respeita. É a forma de Núcleo da sociedade que é a família.

**Professora: 3**

Disciplina: Matemática (licenciada)

Tempo de Docência: 23 anos

**O que foi mais difícil no início da carreira?**

Especificamente com os alunos?

**É com os alunos.**

Foi a questão de manter a disciplina na sala, mesmo. Porque nova de idade e de profissão né, então a agente... não tem muito manejo de classe não, só depois com a experiência que a gente adquire.

**Quais casos de indisciplina você tinha?**

Na época?

**É**

Na época era muito pouca, era conversa é assim paralela. Assim coisa muito fácil de lidar em relação à hoje.

**Hoje você pode dar um exemplo dos casos?**

Hoje mudou muito, na questão mesmo do respeito com a gente. Na forma de lidar com os professores, tá havendo um desrespeito muito grande da pessoa. É ... eles querem assim, discutir com a gente de igual para igual. Por exemplo, a coisa da tecnologia também tá dificultando demais dentro de sala. Porque eles querem ficar no celular o tempo todo, também tem o fone naquela época não tinha né. Então, foi uma evolução a tecnologia, mas pra este formato de escola... tá difícil

**Quando você está com um aluno em sala, o que você espera dele? A postura dele como aluno.**

Eu espero que ele faça as obrigações que ele seja ativo na forma de... de perguntar venha a aula, seja mais participativo, porque não tá havendo muito a participação dele não. Tá havendo uma certa apatia.

**Quais fatores interferem no comportamento dos alunos? O que você acha que aconteceu para haver esta mudança?**

Olha! Eu acho que hoje, principalmente os meninos da escola pública parece que não é valor para ele e nem para família estudar, ter um diploma, estudar que isso não é passado em casa que isso é um valor, sabe? Então, eu tenho sentido isto que assim, que

eles não estudam em casa, é... pra fazer um dever de casa é uma dificuldade, você cobra não fez, sabe? Então dá impressão que isso ai pra ele não é muito valor estudar. Sabe?

**Você percebe isto mais nos meninos ou nas meninas?**

Hã igual viu, tá de um modo geral.

**Geral?**

Tá

**Você pode me dar exemplos de casos que houve atualmente ou que você se recorda exemplos de indisciplina que você teve que interferir ou presenciou?**

Olha! Eu percebo que os professores mais novos, não estão conseguindo manter a disciplina não. No meu caso especificamente eu sou vice-diretora eu tenho que interferir na indisciplina nas turmas, mas de manhã sou professora, sabe? Então os casos mais graves que eu vejo é no desrespeito com a gente, na forma de falar, sabe... de responder. Então isto eu sinto que mudou muito e isso me incomoda muito, falta de respeito que eles tem com a gente.

**Você acha que algum fator externo a escola, algo que está para além da escola também tem interferido?**

Há claro! O social, né. Eu acho que o social interfere muito, porque a medida que ele não tem isso em casa, isso no meio que eles vivem na questão de como lidar com as pessoas, com o respeito com o mais velhos, de lidar com autoridade, não com... lidar com autoridade né, com o ambiente onde ele está em grupo, então eu acho que isso assim... é... influencia o fator externo influência muito dentro da escola o que é lá fora reflete aqui na escola. Eu acho que é isso. Porque as vezes a gente chama o pai ou a mãe assim... pra conversar, e ele trata a mãe assim igual ele trata os funcionários da escola, então é o jeito que ele é acostumado, que ele foi criado, sabe? Então essa nova geração... eu penso também que os pais desta geração dos meninos que eu lido do 6º ao 9º, eles também foram uma geração um pouco perdida já não teve mais aquela educação, aquela presença de pais, sabe? Então eu acho que virou uma bola de neve mesmo